

**IV Congresso Científico Internacional da RedeCT-congresso.redect@gmail.com
07 a 10 de novembro de 2023 – UNAMA/PA e FAAC-UNESP / Bauru/SP
Universidade da Amazônia – UNAMA (Campus Alcindo Cacela/Belém – PA, Brasil) -
GT 1 – Povos Originários e Povos Tradicionais**

Título: Eu Não Sou Índio, Sou Guarani & A Luta Natural Contra o Estado

Reinaldo de Jesus Cunha¹

Sergio Ricardo de Lima²

Luiz Henrique Chad Pellon³

Darci Nunes de Oliveira⁴

Ana Beatriz Paz Araújo⁵

Resumo: O presente Trabalho: “Não sou índio, Sou Guarani e a Luta Natural Contra o Estado”, foi idealizado após entrevista com o Pajé/Cacique (“Acende Fogo”) de nome (branco) Augustinho da Silva (99), que na oportunidade da participação da Assembleia Ordinária do Conselho Estadual dos Direitos Indígenas (CEDIND- RJ), na Aldeia Guarany Mbyá Araponga, em Paraty, em 27/06/19, nos concedeu gentilmente uma entrevista, onde teceu comentários falando da natureza viva e do universo cosmológico/guarani; e a relação com os parentes indígenas guaranis; a dificuldade da Livre Circulação do Povo Guarani e animais como a “onça” no território de Juruá. O texto também faz uma reflexão de mundos opostos: O de Nhanderú, que não delimita cerca e permite a livre circulação de homens e animais no universo de Juruá (universo dos “encantados”). E do território de Juruá com suas cercas e arames farpados, para impedir a livre circulação de homens e animais, nesta vastidão de terras e florestas. Nesse trabalho trazemos também: A narrativa do Pajé/Cacique Miguel Karai Tataxi (119) da Aldeia Itaxi-Mirim em Paraty; a sua luta pela paz e convivência pacífica com Juruá em uma “Terra Sem Lei”. Além de um resumo dos principais problemas nas aldeias guaranis do Estado do Rio de Janeiro como a falta de saneamento básico e a insegurança alimentar; a reflexão do Lançamento do Protocolo de Consulta Prévia Tekoa Itaxi Mirim, no Centro Cultural de Paraty, com a presença dos guaranis e autoridades públicas, onde foi elaborado o pioneiro Protocolo de Consulta Prévia previsto na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 1991), a ser respeitado por Juruá e representantes da administração pública.

Palavras Chaves: Guarani; Consulta Prévia; Mbay; Cedind; Povos Tradicionais.

¹ Mestrando em Antropologia Social, UFRJ/Museu Nacional – reinaldopotiguara@gmail.com

² Mestrando Programa de pós-graduação em Práticas de Desenvolvimento Sustentável, Instituto de Florestas, da Universidade Federal Rural do RJ (PPGPS/IF/UFRRJ) – sergioricardocampanha@gmail.com

³ Doutor em Ciências. Professor Associado do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública/UNIRIO- luiz.pellon@unirio.br

⁴ Programa de Formação para educação Escolar Guarani KAA –MBO ‘T - História Guarani – Magistério Nível Médio.

⁵ -Enfermagem, FAETC – Secretaria de Estado e Educação do Estado do Rio de Janeiro, e-mail: biapazaraujo72@gmail.com

⁶-Trajetória Histórica Guarani Mbyá: DE PARATY MIRIM A NITERÓI- CRISTINA R. CAMPOS* MARLUCI REIS** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307199930_ARQUIVO_ANPUH.TRAJETORIAHISTORICAGUARANIMBYA.DEPARATY-MIRIMANITEROI.pdf

Dedicamos este trabalho (in memoriam)

Pedro Oliveira - Personalidade de muito respeito e Liderança incontestada, fundador da Aldeia Mata Verde Bonita; Que segundo suas palavras a respeito da autonomia e segurança alimentar, nas palavras de Darcy Tupã, salientou: “Quero que vocês plantem frutas, legumes, ervas medicinais, para que em momentos de crise, possamos ter autossuficiência alimentar para todos da aldeia”.

Miguel Karai Benite (121) que no lançamento de Consulta Prévia: Protocolo de Consulta Prévia Tekoa Itaxi Mirin – Guarani Mbay, resumiu tudo a respeito de Juruá: "O povo guarani respeita Juruá, mas o mesmo não ocorre com os Guaranis, porque Juruá não respeita nada”.

Domingos Venite (68) Cacique da Aldeia Sapukai Município de Angra dos Reis, que na reunião realizada na Aldeia Araçonga, reunião do CEDID, (31/05/19, tecendo comentários a respeito da sua participação comunitária relatou: “Quero me desculpar por não estar tão ativo em participação, pois o trabalho vem me consumido, mas agora quero estar mais com vocês. Antigamente agente andava pela mata para chegar a um destino; acendia uma fogueira, pois não tinha cerca. Hoje se a gente andar por ai podemos nos deparar com o Juruá e gerar um problema, pois, está tudo cercado. Mas ainda assim, apesar das diferenças políticas e culturais. Tem brancos que ainda se preocupa com os guaranis. Cada povo indígena tem seu modo de ser, mas o pai é um só Nhanderú”.

Pensamento

A Cura e Alimento Ancestral

“Toda planta cura. Mas nem sempre a planta que achamos que tem propriedade de cura para nossas enfermidades é a que precisamos. Mas o pajé sabe aquela que tem a cura para a pessoa que precisa. Pois, Nhanderu conta no ouvido dele, e ele diz para a pessoa a planta que precisa para sua cura”.

Pajé/Cacique Demércio Martines Bandeira (Aldeia Guarani-Ñhandeva/RJ).

Considerações Iniciais

A saga guarani na luta pela sobrevivência, ante ao extermínio e genocídio de tribos hostis, intempéries, e busca pela “Terra Sem Males” no território brasileiro. Fizeram os guaranis migrarem, caminhar pelas florestas ou em viagens pelo mar, em busca de terra boa para viver em paz, diante das ameaças de Juruá. Segundo Historiadores: “A crença na terra sem males teria sobrevivido à conquista do colonizador português e à cristianização, que objetivava a doutrinação e o esquecimento dos seus valores culturais”. A pesar da colonização e a perda de ente queridos por doenças, assassinatos, guerras tribais. Os guaranis ainda mantêm intacta a sua língua, o seu saber cosmológico, “entre grupos de guaranis remanescentes” até os dias atuais. **E isso só foi possível graças à luta incessante e ao fato de que as comunidades indígenas são sociedades naturalmente contra o estado, aí incluindo: a igreja, o governo e estado.** Com relação a aspecto acima descrito, Pierre de Clastres vai dizer:

[...] “Não há rei na tribo, mais um chefe que não é um chefe de Estado. Que isso significa? Simplesmente que o chefe não dispõe de autoridade alguma, alguma, de qualquer poder de coerção, de nenhum meio de dar ordem. O chefe não é o comandante, as pessoas da tribo não têm nenhum dever de obedecer. O espaço de chefia não é lugar de poder, e a figura (muito mal designada) do chefe selvagem não prefigura em nada a de um futuro deposta. Não é certamente da chefia que se pode deduzir o poder estatal em geral”. (Clastres, pag.199, 1979)

O que percebemos hoje em pleno século XXI, é que o projeto de domesticação para transformá-los em mão de obra barata: ontem para coroa portuguesa, e hoje para os proprietários de terras, não mudou nos dias atuais. Mas a pesar desse quadro desanimador, as comunidades afro-indígenas resistem e estão vivas tanto nos quilombos, aldeamentos e centros urbanos. O projeto de ontem era dizimar, assimilar, mantê-lo como mão de obra barata para a burguesia emergente. Mas apesar do quadro desanimador, os povos da floresta continuam lutando todos os dias em contraposição ao discurso de integração e domesticação. E a resistência vem dos quilombos, aldeamentos, contexto urbano, se contrapondo a Juruá. Com relação a comuna guarani. A busca ainda hoje é pela valorização do seu modo de vida; O respeito ao outro, ao ser e a natureza. Os guaranis resistem e resistiram à centralização da coroa portuguesa, que impediram de usar o seu idioma “tupi-guarani” por imposição do Marques de Pombal, em 1757. Ontem como hoje o projeto governamental de civilizar os corpos negros e indígenas persiste nos nossos dias. Civilizar é obrigar os índios a submeterem a Lei do Estado; Tomar os seus territórios; Submetê-los a trabalhos análogos a escravidão; E, assimilá-lo para tomar suas terras despojando da suas aldeias. Restou aos afro-ameríndios resistirem nas favelas das grandes cidades, quilombos, e/ou em algumas aldeias demarcadas ou não. A sobrevivência comprometida por escassez de alimentos, despojamentos, faz os afro-indígenas migrarem das aldeias e quilombos, para a periferia das grandes cidades, dando lugar aos “quilombos” nos centros urbanos e/ou nas “Aldeias” como é o caso da “Aldeia Maracanã” e “Aldeia Vertical” no Conjunto Zequeti, Estácio, Centro do Rio. Segundo o último senso (2010) IBGE, em levantamento feito e divulgado na grande mídia. As comunidades: Rocinha, Jacarezinho, Maré e Alemão, concentram o maior número de indígenas autodeclarados na cidade. Ou seja: cerca de três mil indígenas residentes na favela da Maré se declararam indígenas. Sabemos que Juruá estrategicamente desqualificou os descendentes afro-indígenas para que desconhecendo a sua identidade, raiz histórica, não possam lutar por seus direitos. O etnocídio que floresceu ontem nesses 521 anos da invasão portuguesa, persiste em nossos dias. Ontem e hoje, os indígenas, os guaranis resistem às investidas de Juruá, mantendo as suas tradições e crenças, em contraposição ao deus cristão. Para sobreviver no mundo de Juruá, os guaranis mantém o idioma bilíngüe: guarani e português. Pois, todo cidadão guarani, tem nome guarani. Ao entrevistar o Pajé/Cacique (acende fogo) Augustinho da Silva em sua Aldeia Araponga. O mesmo fez questão de dizer: “Não Sou Índio, Sou Guarani”. A sutileza das suas palavras, em reafirmar a identidade guarani; A dificuldade da coexistência pacífica no universo de Juruá da comuna guarani. Me fez refletir, que ser guarani: antecede a presença do colonizador português. E que seu modo de vida simples, sua reza, idioma e cosmo-sensação estão à frente do nosso tempo e da sua época. A luta pela demarcação de terra continua presente nos dias atuais, sem, contudo, a nação brasileira acenar positivamente um pleito legítima das comunidades andinas guarani. A pensar pela representação popular no parlamento brasileiro, os povos negros e indígenas são sub-

representados e alijados do processo de decisão. Para impedir a manutenção da floresta em pé, face a ganância por lucros, criaram o “Marco Temporal”, onde alegam que para ter direito a agricultura familiar, terra, e floresta em pé, tinham que estar no território antes da CRFB/88, o que é uma aberração.

ALDEIA ARAPONGA - PARATY

A Assembleia Geral Ordinária do CEDIND, foi realizada na Aldeia Araponga, em 31 de maio/2019, na Aldeia “TekoáGuyraitapuPygua (pronunciado/GuãraitapúPã'guá/). A aldeia é conhecida pelos não-indígenas como Aldeia Araponga. A aldeia está localizada em comunidade indígena guarani no município de Paraty, no Estado do Rio de Janeiro, em unidade de conservação ambiental no Distrito de Patrimônio. Vivem no alto da serra em meio à Mata Atlântica, de onde podem avistar o mar, atravessar e encontrar a “Terra Sem Males”. “Na busca incessante desse paraíso, que segundo a tradição pode ser alcançado em vida, eles precisam cumprir e respeitar um conjunto de regras e conduta divina que lhes são transmitidas pelos xamãs. São elas que norteiam as relações que mantém com a natureza, com todos os seres humanos e com os espíritos. É o modo de ser e viver guarani, o nandereko. “Um bom lugar para viver, de acordo com o seu nandereko, é próximo ao mar, mas distante dele”.

ASSEMBLEIA ORDINÁRIA DO CEDIND ARAPONGA 31/05/19

Abrindo oficialmente dando boas-vindas a todos os presentes, o Pajé/Cacique Augustinho (99), disse que não estava na plenitude da sua saúde, pois a uma semana não vem se sentindo muito bem, porém, com a vinda dos conselheiros, está bastante otimista e contente com a presença de todos os integrantes do CEDIND e Guaranis de Paraty. “A quase quarenta anos nesse território, nunca Juruá (o branco) veio aqui conversar com a Aldeia. Nem os nossos parentes vem aqui nos visitar. Mas graças a Nhanderú, estamos aqui para conversar com os parentes para discutir e resolver os problemas. Por isso estou contente com a presença de Juruá para discutir pontos importantes, na saúde; educação; saneamento e outros. Vamos trabalhar e discutir os problemas da terra”, conclamou. Em seguida foi apresentado o vice Cacique Nino Weraí', presidente do CEDIND, em contexto Aldeados. Nino parabenizou a todos os presentes, relatando as principais demandas a seu ver: “O objetivo principal da presença de todos, aqui em Araponga, é conhecer os problemas de perto e ver a nossa realidade, principalmente no acesso pela estrada que liga a aldeia. Além disso: temos o problema da iluminação elétrica precária em Araponga; Os problemas do atendimento de saúde e de educação, pois, estamos sem médicos, sem a contratação de professores, e não dispomos de material pedagógico, para o funcionamento da escola. São muitos assuntos para tratar, porém, algumas conquistas estão a caminho como: Já podemos observar a melhoria da estrada para chegar em Araponga. As coisas estão acontecendo, mesmo que imperceptível, A prefeitura de Paraty, acenou positivamente no apoio a melhoria na estrada, e já reservou oitocentos quilos de cimento. Já tem um trator disponibilizado pela prefeitura de Paraty, para melhorar a estrada para facilitar o deslocamento para chegar a Aldeia. Outro ponto que destaque é relativo ao deslocamento dos jovens para a cidade. Pois, sempre falo para os jovens preservar os nossos valores culturais a onde quer que for, pois quem tem Nhanderú no coração, consegue transitar e ir sem problema” concluiu. Em seguida, o Cacique/guarani Domingos Venite, deu boas vindas a todos: “Quero me desculpar por

não estar tão ativo em participação, pois o trabalho vem me consumido, mas agora quero estar mais com vocês. Antigamente agente andava pela mata para chegar a um destino; acendia uma fogueira, pois não tinha cerca. Hoje se a gente andar por ai podemos nos deparar com o Juruá e gerar um problema, pois, está tudo cercado. Mas ainda assim, apesar das diferenças políticas e culturais. Tem brancos que ainda se preocupa com os guaranis. Cada povo indígena tem seu modo de ser, mas o pai é um só Nhanderú” resumiu. Em seguida foi dada a palavra ao Kaipó/pataxó, que fez considerações a respeito da saúde indígena. Segundo Kaipó: O presidente da República, Jair Bolsonaro vem se posicionado contra os indígenas e a (SESAI), órgão responsável por coordenar e executar as políticas públicas voltada para a saúde indígena. Com relação à educação: “Estamos tendo dificuldade devido à falta investimento e apoio a diversidade indígena. Temos problemas com mães que não consegue levar as crianças para a escola tradicional, por que não tem com quem deixar as crianças. E a escola, não está adaptada para receber mães com crianças na escola” ressaltou. Nesse momento perguntei o que está faltando para que os Indígenas possam interagir com escola? Kaipó disse que uma das questões que impossibilita os jovens indígenas na escola de Juruá, é a discriminação sofrida pelos jovens, além da pratica de bullings; ameaças físicas e a língua falada. “Isso tem feito os jovens se afastem da escola tradicional. Com relação aos problemas de Saúde, contou: “Com o desmonte do “SESAI” a saúde indígena está comprometida na qualidade do atendimento. “A chegada do presidente Bolsonaro, dificultou mais ainda”, comentou. Com a palavra o Conselheiro Nino Vera, resumiu, dizendo que apesar dos muitos assuntos para tratar na reunião, várias conquistas estão a caminho. E aproveitou para fazer um desabafo sobre a situação da Escola indígena de Araponga: “A escola-extensão de Araponga, não tem nada: não tem professor/ material didático ou recurso para a escola funcionar”, informou. Aproveitando a presença de Alexandre, representante da Juventude indígena e Argemiro, presidente do Conselho de Educação Indígena e pediu para que os mesmos comentassem dos desafios e os principais problemas enfrentados na educação. Com a palavra, Alexandre, contou que a grande dificuldade dos jovens era a repetência, pois estudavam e não passavam de ano. “Foi muito difícil a continuidade no ambiente escolar, pois, os obstáculos, preconceitos são muito grande. Consegui terminar o fundamental e o básico com muitas dificuldades. Fui para Ubatuba que tem uma escola de ensino médio regular, que são mais sensíveis aos indígenas. Minha meta e fazer o ENEM e curso de cinema para divulgar o nosso saber, a nossa cultura. Dessa forma penso em compreender as nossas dificuldades na área de saúde e educação. Tenho aprendido muito com os mais velhos da aldeia, e é isso que nos dar força para continuar. Alguns brancos até procuram saber sobre nossa cultura e eu explico a eles. Mas mesmo assim, nos criticam e isso a gente percebe no olhar. Acho que faltam os pais dos alunos um conhecimento maior sobre os povos indígenas”, sintetizou. Com a palavra, o professor Argemiro, disse que a situação da educação indígena ainda está muito precária por falta de quórum e da participação do governo nas reuniões do Conselho Estadual Indígena do Estado do RJ. “O ano letivo nosso começa em maio, por que não tem professores. Eles não contratam professores indígenas. O Conselho indígena tem uma participação paritária e tem que ter consenso para resolver os assuntos. Falta capacitação aos professores sobre o saber indígena. E por mais que a gente se esforce, depende de orçamento, de dotação orçamentária para formação de professores. As escolas indígenas na região estão abandonadas... e o professor branco, não tem conhecimento da nossa realidade. A meu ver, para a escola funcionar: ela tem que ter uma pedagogia que fale

da cosmologia e identidade do povo guarani,” desabafou. Com a palavra Marize Guarani, Conselheira e Coordenadora do CEDIND da Comissão de Educação Indígena, perguntou a Argemiro por que não contratam professores indígenas, já que existem vários indígenas com formação superior, inclusive na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Argemiro resumindo, disse que até o presente nada de concreto existe com relação à contratação de professores: “Os brancos não falam nada, não dizem nada” resmungou.

O Pajé/Cacique (acende fogo) Algunstinho da Silva

Ainda no desenrolar da reunião em andamento, aproveitei a oportunidade para conversar com o Pajé/Cacique (*acende fogo*) de nome (*branco*) Augustinho da Silva, que gentilmente nos prestigiou concedendo uma entrevista, em ano que se comemora o centenário do seu nascimento. Muito gentil e sorridente, confidenciou que seu nome de batismo, foi dado por seus pais, e que seu nome em Guarani, tem como referência: “*acender uma fogueira, acender o fogo*”. Ao longo de sua existência morou em vários lugares, até a permanência em Araponga onde se encontra a mais de meio século. Segundo Agostinho, a sua migração foi longa, a começar com os indígenas Kaingang no Rio Grande do Sul, passando por São Paulo e Santa Catarina em comunidades guaranis, até o Paraguai. Depois dessa longa peregrinação, veio para o Rio de Janeiro com 26 anos. E com a morte dos pais, resolveu ir morar em Araponga. Mas o que motivou mesmo, segundo seus relatos, foi à violência e o alcoolismo que ocorre nas grandes cidades, sobre influência do Juruá, pois a bebida desunia e trazia briga entre as famílias guaranis, ressaltou: “Isso me fez ir para Bracuí e depois para Araponga onde estou até hoje”. Daí em diante, conta: “Foi uma longa jornada de lutas para permanecer no novo território. A começar, pela morte do antigo cacique de Araponga que veio a falecer”. No início, não houve preocupação quanto a ausência do Cacique. Mas com a morte do branco dono do sítio onde trabalhavam alguns Guaranis, a coisa se complicou, gerou alguns problemas para a comunidade. Havia um casal de Guaranis que trabalhava no sítio de Juruá. E com a morte do proprietário da terra assassinado por Juruá: “Os indígenas guaranis não sabia o que fazer” no sítio de Juruá. Pois o sítio do Juruá, “*conta acende fogo*”: Tinha muita plantação de aipim, batata doce, feijão, milho e animais como galinhas, porco e outros: “Não sabíamos o que fazer com aquela quantidade de coisas”, acrescentou: “Até que um belo dia veio um pessoal, onze ao todo visitando a aldeia, dizendo que vieram de Brasília da FUNAI para falar com o cacique. Foi ai que chamei eles sentarmos e conversarmos em círculo, para que eles externassem o que queriam. Foi na ocasião que um dos presentes, representante da FUNAI, perguntou quem era o cacique da Aldeia, pois desejavam falar com ele. “Aqui não tem cacique, respondi”, com espanto de todos. Neste momento o branco que fazia as indagações, sentenciou: “Então, vocês vão ter que ir embora”, pois Juruá vai matar todos vocês aqui” concluíram em tom ameaçador. Ainda sobre a **Aldeia Araponga**:

[...] “Somente em 1972, com a abertura da Rodovia Rio-Santos, eles foram “descobertos” pelos fluminenses e o restante do Brasil. Até então, não havia oficialmente índios no Rio desde 1888, e os guaranis não faziam parte dos grupos que tinham habitado o estado. — Os guaranis têm o hábito de migrar, o que tem um fundo religioso. Vão em busca da chamada terra sem males, que é a terra que eles, por muito tempo, acreditaram existir em algum lugar no leste do Brasil. O Serviço de Proteção ao Índio, depois Funai, não reconhecia a existência de tribos no estado de 1888 a 1972 — explica Bessa, responsável pela estimativa sobre o total de índios no estado, que

flutua devido às características dos guaranis. A aldeia Araponga é comandada com rigor por seu tutor. Se uma índia se apaixonar por um homem branco, ou vice-versa, o casal deve deixar a comunidade. Por lá é proibido jogar carta, ingerir bebida alcoólica, fumar “cigarro de branco”. Às mocinhas só é permitido o uso de saias compridas. E nada de colorir o cabelo ou usar piercing, avisa o cacique Augustinho”. (O Globo,2104, Alencar e Lima)

Apesar de atônito e transtornado com a fala de Juruá, o diálogo continuou, o que permitiu Augustinho conversar com os guaranis a respeito do posicionamento de Juruá. “Então foi aí que a comunidade se reuniu e me elegeu cacique para representar a aldeia. E a partir desse primeiro contato, com os esclarecimentos prestados aos representantes da FUNAI estabeleceu-se um diálogo. Apesar de terem ido embora, dizendo que voltariam para Brasília como aconteceu. Na volta alguns meses depois, em novo diálogo com o representante da FUNAI. O mesmo que fizera a pergunta sobre quem era cacique Perguntou-me sobre Juruá que ficava no portão da Aldeia, bem na entrada, se eu queria tira-lo, já que tinha ordens para delimitar a aldeia. “Respondi dizendo que não”, retruquei. “Deixa ele lá, ele não nos incomoda, pois eu não quero brigar com Juruá. Reflexivo disse para ele: “Eu não Sou índio, Eu sou Guarani”, justificou. Com relação às necessidades da Aldeia como alimentos e remédio, Augustinho falou: “Aqui tem muito milho, batata doce, cana, aipim, o que plantar nasce. Fazemos a bebida de mandioca para o nosso consumo. É muito difícil comprar as coisas lá fora, pois, temos que trazer de longe os alimentos com bolsa de sessenta quilos até a entrada na aldeia, por isso os nossos alimentos são daqui”, ponderou. Continuando disse: “A única coisa que vendemos fora da Aldeia é o nosso artesanato, pois os turistas vêm até aqui perto da cachoeira em nossa aldeia e aproveitamos e vendemos os nossos produtos artesanais”. Com relação à cosmologia e Deus Guarani, conta: “Juruá tem o deus dele que é um só, e nós o nosso que é Nhanderú; Que fez a água, o fogo e a lua... Juruá sabe, indaga? E continua: “Eu as vezes sou o pajé por que trabalho com Nhanderú. Nós temos a nossa Casa de Reza onde todos da Aldeia participam. Quando são dezoito horas, todos aqui tem que estar pronto, de banho tomado, limpos, para participar”. Em seguida diz: “Os que estão dentro participam da dança, cânticos e reza. A principal dança é do Xondaro e a dança do Pajé. Na dança do Pajé, as crianças não podem participar. Já na dança dos guerreiros, as meninas podem participar”, relatou. **Sobre as Danças guarani Mbya:**

[...] “As danças Mbya não são específicas a determinadas cerimônias, mas comuns a todas, sendo costume dos Mbya, inclusive crianças e idosos, reunir-se para dançar ao pôr do sol oca/pátio, antes de entrar na opy/casa de reza. O xondaro é realizado como uma preparação, um aquecimento para o segundo momento, o porael/cantos, rezas dentro da opy. Inserir-sejeroki/dança fora da opy, sendo percebido pelos Mbya como um gênero de música/dança. Apresenta semelhança com artes marciais e com capoeira, com a seguinte distinção: é só para defesa. É um treinamento técnica corporal, onde os integrantes aprendem a se defender de possíveis agressões animais, no mato e também na aldeia. Visa, o fortalecimento do corpo e do espírito, cada praticante aprende a se defender de suas atitudes negativas, não deixando sucumbir nas dificuldades. (Fonte: Museu do Índio Funai)”.

Questionado com relação à violência cotidiana no município de Paraty e Angra dos Reis, próximos da Aldeia, responde: “Vários de nós índios Guaranis, estamos deixando de fazer nossas rezas por influência do branco. E Nhanderú olha pra você e ver que você está indo para o forro, dançar e beber. Então, Nhanderú deixa você e não olha mais” comenta. Com relação às influências de Juruá, aos filhos Guaranis, disse: “Estando o

indivíduo sobre o efeito do álcool, com embriagues, o mesmo comete violência; mata; e depois já sóbrio, não sabe o que aconteceu devido a embriagues. Mas isso acontece por falta de conexão, por estar com pensamento ruim sobre a influência de Juruá”, E continua: “E aí, só vem coisa ruim, por que Nhanderú deixa você é isso que está acontecendo com os guaranis”. Com relação às cercas dos territórios das casas de Juruá, que vimos nas cidades e vizinhanças, acrescenta: “Nhanderú não gosta de cerca, não adianta cercar tudo em volta com arames, pois, Nhanderú é dono de tudo”. Com relação a estar sempre atento e conectado com Nhanderú, responde com convicção: “Quando você vai fazer uma oração, você tem que está focado, não pode se deixar desvencilhar por que alguém está falando alto, pois isso atrapalha. Então, você não pode deixar isso acontecer, ser interrompido. Você tem que manter o foco, dessa forma Nhanderú olha para você”, adiantou. Com relação à compreensão do branco ao direito de existência do povo guarani, (acende fogo) comenta: “O branco tem outro idioma e Juruá tem o papel da terra. E os Guarani não tem nada, pois, Nhanderú não deixou nada”. Mas, independentemente disso, diz: “Quando tem festa do milho, vem muita gente aqui”. A última, disse: “teve mais de cento e oitenta Guaranis que se espalharam por aqui, em todo lugar”. E aproveitou para me perguntar: “Você mora onde?” Bom, eu mora na comunidade do Timbau na Maré. Lá não é como aqui sem cerca. Tudo é cercado, cada um tem um pedaço de cerca em seu território, e mora muita gente. Umhas três mil, dez mil moradias, com um montão de gente espalhado. E para sair para trabalhar, os moradores acordam cedo, pois tudo é muito longe. E quando chega a casa depois de um longo dia de trabalho, esquece de rezar para Nhanderú. Nesse instante o acende fogo reflexivo, olhando perplexo com caos que são as cidades, comentou: “É, as vezes quando não estou bem, falo para a comunidade que não vai ter reza. Não é todo dia semana que estamos na casa de reza”, ponderou. Foi aí que aproveitei para perguntar, se todos os que vêm para a aldeia participam dos festejos dentro da casa, o mesmo emendou dizendo que sim: “Sim, todos participam, todos se acomodam dentro da casa de reza. A festa começa às 19h00 e vai até as 3h00, da manhã. Acabou a solenidade, vão todos dormir espalhados pela Aldeia, pois o povo fica muito alegre com os festejos ao lado da fogueira” disse em tom de alegria. Com relação à infraestrutura do local e das condições de vida da Aldeia, respondeu: “Falta melhorar a estrada que dar acesso a Aldeia, além da energia elétrica que não tem, para melhorar os deslocamentos”. Perguntei se tem cobra ou animais a noite que se deslocam pela Aldeia, o mesmo confirmou dizendo: “Tem cobra sim, tem onça que passa por aqui à noite. Agente escuta: Aão, Aão, Aão. Ela vem para comer” salientou. Ela ataca os moradores, questionei? “Não, ela ataca os cachorros da Aldeia, pois, os cachorros sabem quando ela vem. Aí agente os coloca pra dentro de casa”. Então vocês já sabem que é a onça? “Sim, sabemos”. E continua: “Olha, lá em Bracuí, recente, faltou três cachorros na Aldeia, e ninguém sabiam o que aconteceu com o sumiço dos cachorros. Foi aí que o cacique, indignado mandou todo mundo se armar, para ver o que aconteceu. E armados, para surpresa de todos que esperam de tocaia, com flechas, foices, facão e espingarda. A onça apareceu no meio do nada, atacou e matou o cachorro que montava guarda, saindo em disparada”. Perguntei: mas não fizeram nada mesmo armados? Será que ficaram com medo da onça, questionei? Em sinal de concordância balançou a cabeça afirmativamente dizendo sim. Mas uma vez perguntei: O que vocês fizeram? Augustino disse que perguntou a comunidade quem sabia fazer uma armadilha, tinha alguma experiência na caça da onça. Foi quando disseram que o mais velho da aldeia, tinha experiência em fazer armadilha

e assim foi feito. Com a armadilha pronta, conta: “Conseguiram pegar a onça depois de muitos dias”. Indaguei sobre a possibilidade de vir um “forasteiro na aldeia de surpresa”, de forma inesperada, qual seria a reação da comunidade, o mesmo respondeu: “Ai o cacique vai observar o que Juruá vai fazer. Ficamos na tocaia, aguardando os acontecimentos até o dia clarear. Depois de estudar e observar... agente sabe o que fazer”, conta. Continua: “Não deixamos a criança chorar, pois ela pode alertar o inimigo, a onça”, retrucou. “Ai o pajé fala: Não deixa a criança chorar para não alertar a onça”. Perguntei: Então tem que cuidar da criança pra ela cessar de chorar, certo? Mas, por que a criança chora indaguei? “A criança chora por que está doente, com raiva da mãe e por isso ela chora. Ai a gente fala pra mãe cuidar, rezar, para não chorar” esclarece. Por exemplo: “Você recebe uma notícia ruim para ir resolver um problema. Ai você diz: e agora: Como vou resolver isso nessa noite escura, nesta escuridão? Bom, ai aconteceu um acidente e você sai às tantas da noite. E, de repente você tem aquele medo de ir... algo diz para você não ir... e você não vai” retrucou. Indago se não é o sexto sentido falando? Concordou e acrescentou: “Bom, é bom não ir, pois, pode acontecer algo com essa pessoa”, advertiu. Ai, perguntei: por que as pessoas procuram a cura com o pajé e por quê? “É para resolver algum problema de saúde, uma cura espiritual, algo assim”, comentou. Com relação ao êxodo dos jovens para as grandes cidades, perguntei o motivo do desinteresse pelos costumes da Aldeia, e o mesmo acrescentou: “Os jovens de hoje não são como antigamente. Não pensam em cuidar da mãe e do pai. São autônomos para decidir as coisas. Quando pensam em sair da aldeia, vão embora sem escutar os pais”. Questionei se não seria influência dos celulares, o modo de ser de Juruá? Mas uma vez balançou a cabeça em sinal de concordância. Perguntei sobre a escola na aldeia com a falta de professores o mesmo respondeu? “A escola está sem professores, sem apoio do governo. Olha, meu filho Nino tem quatro filhos e ele não quer os filhos estudando na escola de Juruá. Meu filho quando estava lá, observou que os filhos dos brancos só querem farra, namorar e ele não quer essa influência para seus filhos” lamentou. Sobre sua família, perguntei quantos filhos, tem? “Tive oito, mas quatro morreram e só restam quatro. Eu tenho vinte netos. Mas, fora o Nino, os outros estão fora da Aldeia, morando em território do Juruá. Tenho uma irmã e familiares que estão morando em Niterói, na Mata Verde Bonita”. Dando sequência ao dialogo acrescentou: “Está vendo aquela menina de 12 anos, minha neta. Antigamente o pai pegava pela mão e apresentava ao parente para casar. Claro, primeiro os pais conversavam com os pais para um acordo. E depois que o filho constrói a casa, eles vão morar juntos e um cuida do outro”. E questionei se seria bom hoje em dia? “Eu achava bom, pois, o jovem não sai da comunidade por que tem que cuidar da menina na Aldeia. Porém, os jovens estão muito desobedientes, você fala mais ele não te escuta. Se o rapaz encontra uma moça ele vai para casa dela, de Juruá e não volta”, reclama. “Olha, aqui as meninas não podem vestir calça de homem, só vestido. Mas se ela for à cidade ela pode ir do jeito que quiser, mostrando tudo, menos na Aldeia”, ponderou. Nesse instante do diálogo, apareceu seu filho o Nino, vice Cacique, de bermuda, em deslocamento para plenária. “Olha ele pelado”, risos. Também no mesmo instante apareceu sua companheira, Marciana. E aproveitei para perguntar sobre usar saia e calça cumprida, como descrita por Augustinho. Ela respondeu: “Nhanderú mandou vestir assim e não do jeito de Juruá. Homem também tem que vestir calça cumprida” disse. Emendando disse Augustinho: “Também não pode ter cabelo comprido, só a menina”, emendou o cacique. Continuando: “Meu pai falava para minha irmã. Se você usar calça, você vai virar

homem, e minha irmã com medo não usava. Em outras aldeias, você ver várias meninas de calça comprida, blusa comprida... mudou muito”, confidenciou. O Pajé filho do fogo completou: “Como é que você vai ficar com práticas de Juruá dentro da casa de reza... não pode”, murmurou. Aproveitou para lembrar-se da irmã: “Eu tenho sete irmãs, mas não sei onde elas estão. Por que ela não senta aqui na minha frente para conversar sobre as coisas? questionou. “Quando tem dinheiro vai tomar cerveja, ir pro forró e esquece de tudo da família, e não vem aqui”, reclamou. Perguntei se elas estavam proibidas de vir a aldeia. Ele baixou a cabeça resmungando: “Não, não... Hoje eu tenho uma irmã que casou com Juruá e está aqui em casa... está casada a vinte anos, e não esqueceu da mãe. Hoje ela veio ajudar a mãe em alguma coisa... na cozinha fazendo alguma coisa”, murmurou. E o que vocês vão fazer depois que nós do CEDIND, for embora: “Vamos nos reunir e fazer uma contemplação, vamos agradecer Nhanderú”. E o que o cacique achou do CEDIND? “Muito bom. Graças a Nhanderú vocês estão aqui discutindo os problemas, ajudando os trabalhadores, discutindo quais são os problemas e como resolver. E isso é tudo é por causa de Nhanderú. Nós Já fizemos três reuniões aqui, e vou participar mais, fazer contato”, confidenciou. Finalizando o diálogo com o pajé (acende de fogo). Perguntei sobre a escola Guarani aqui na Aldeia Araponga que não conta com professor para ensinar as crianças, dentro da cosmologia Guarani para se contrapor os ensinamentos Juruá: “O branco fala muito do pensamento do Juruá. E isso influencia nossos jovens que pensa em ter uma profissão... em estudar as coisas do branco e pensa: vou ser motorista... ser polícia... e esquece o que vai fazer na Aldeia, na casa de reza”, reclamou. Falando da sua relação com a ancestralidade (acende fogo) comentou: “Quando eu tinha treze anos o pai da minha mãe morreu. E disseram para eu ficar como guardião da casa de reza como um “Xondaro”. Ai com uma varinha na porta da casa, com movimentos circulares passava a varinha antes das pessoas entrarem na casa” salientou. E ninguém chegava para entrar... Questionei? “E quando chegava a hora dos convidados entrarem... todos em fila... entravam de um a um”, confidenciou. “Eu dizia para a pessoa: agora abriu para você entrar. E logo em seguida peço para outra pessoa entrar... E mais uma vez, eu levanto a vara em círculo ao lado da pessoa... ela levanta as duas mãos... ai eu deixo entrar. Perguntei se era para afastar os maus espíritos. E illustrei falando de Davi Kopenawa, Líder Yanomami que no seu Livro a Queda do Céu, disse: “O Xapiri, o encantado da floresta quando está com raiva ele vem com uma espada cortando tudo com uma faca. Ele pode se transformar em uma praga, um terremoto, uma chuva intensa que destrói tudo, cortando tudo que vem e ver pela frente. Nesse momento o pajé/cacique observou com cuidado as palavras e mais uma vez e balançou a cabeça, refletiu e perplexo, disse: “Eu faço isso para que a pessoa não entre com aquele peso, com as energias negativas” adiantou. Ai retruquei? Isso para as coisas negativas ficam fora da casa de reza? “Sim é isso”, confirmou. E quando entram o que fazem? “Dão boa noite para o pajé todos juntos. Nós conversamos sobre o que aconteceu no outro dia, os problemas, as dificuldades com Juruá”, concluiu.

Protocolo de Consulta Prévia Tekoa Itaxi Mirin – Guarani Mbay

Municipal de Turismo de Paraty; Secretaria Municipal de Assistência Social e Saúde do Estado do Rio de Janeiro, além de diversas lideranças indígenas. O grande acontecimento ficou por conta da presença do pajé/cacique: Miguel Karai Tataxi, (119) liderança guarani Mbya, para o Lançamento do Protocolo de Consulta Prévia Tekoa Itaxi Mirim. Onde estabelece regras de conduta com Juruá e a administração entre os

entes federados. Segundo os idealizadores: Com o protocolo, é possível estabelecer regras possíveis de consulta a comunidade guarani com respeito ao território; biodiversidade; saneamento; educação dentro de uma ambiente reciprocidade. O local da realização do evento na Casa de Cultura de Paraty foi sugestão do pajé/cacique: Miguel Karai Tataxi, que participou ativamente de sua confecção. A abertura da solenidade ficou por conta do Bruno ICMbio, que agradeceu o apoio da comissão organizadora e apoiadores, na elaboração do protocolo de consulta prévia. Em seguida passou a palavra ao Pajé/Cacique Miguel Karai Tataxi, acompanhado de quatro dos seus filhos na abertura da Mesa. Com a palavra o Pajé/Cacique Miguel Karai Tataxi, disse que apesar de sua fraqueza dada a velhice e outros problemas de tontura, a sua mente estava boa. “Sofro tonturas e estou muito fraco das pernas. Não consigo me deslocar muito, pois não agüento. Mas apesar do sofrimento do meu corpo. Ele é sadio, eu não sinto nenhuma dor, isso não dói... é a idade. Juruá me deu o nome de Miguel Benites que no nosso idioma é Karai Tataxi, Tenho 119 anos... É difícil alcançar essa idade, pois depende de muita coisa. Tenho quatro filhos homens e quatro mulheres todos casados. Então agradeço muito as pessoas que estão trabalhando na temática do índio; E que seja um trabalho certo, direito respeitoso da causa indígena. Fico muito contente com esse trabalho... pois, Juruá não respeita o índio... Fazem o que querem se consultar o cacique. Dizem que índio é vagabundo. É o que falam de nós é muito errado. Outra coisa: não temos apoio de ninguém. Nós trabalhamos para nos manter, comer e beber sem ajuda do governo. Nosso governo fala mal do índio e diz coisa sem saber que somos pobres. O governo deve pensar, conhecer o nosso povo para depois poder falar do índio. Então eu agradeço os esforços de vocês na realização deste trabalho tão importante. Vamos nos apoiar; vamos nos ajudar e fazer alguma coisa. Essas são minhas “palavras”, concluiu agradecido. Sobre a participação popular e consulta prévia, disse nas considerações do expediente, no protocolo, CACIQUE MIGUEL KARAI TATAXI BENITE:

[...] “NÓS QUREMOS É MANTER NOSSA CULTURA! A nossa cultura Guarany Mbya, vejo as crianças soltas, sem roupas, sem pentear os cabelos, esse é nosso sistema Guarany. Não podemos trocar nosso sistema. Assim falaram minha mãe e minha avó. Eu ia entendendo. Nós queremos é manter o nosso sistema. Eu já estou velho com 119, anos. Eu trabalhava muito desde os 12 anos com os Juruá. Fui crescendo até ficar homem. Até gosto de trabalhar, gosto da lavoura. Aprendi no serviço pesado com Juruá”. (Fonte: PROTOCOLO DE CONSLUTA PRÉVIA TEKOA ITAXI MIRIM - Guarani Mbya).

Após pequena apresentação dos irmãos presentes à mesa, que fizeram a saudações a todos em guarani. Foi dada a palavra o seu filho Pedro Mirim Benite, Karai Miiride, da Aldeia Paraty Mirim da Aldeia Itaxi, para resumir em português: as dificuldades, nos preparativos do Lançamento De Protocolo Consulta Prévia TEKOA ITAXI MIRIM - Guarani Mbya. “Nos indígenas a pesar das dificuldades, não vamos deixar de fazer a coisa por causa de Juruá. As mulheres indígenas e os jovens foram os principais organizadores e incentivadores para que nós não desistíssemos, apesar de contar com poucos recursos para elaboração. Espero que a partir desse lançamento, vamos poder cobrar na pratica das autoridades o comprometimento com o protocolo. Vimos sofrendo muito dentro da Aldeia, pois não somos consultado por ninguém em assuntos que nos diz respeito, como por exemplo: A falta d'agua, alimentos, caça e outros coisas provocados por descaso de Juruá. Com o protocolo vamos estabelecer parâmetros e acordos de interesse da comunidade guarani”, concluiu. Dando seqüência ao evento. Bruno da organização ICMbio, aproveitou para ratificar as palavras de Pedro,

acrescentando que foram muitas as dificuldades. “Graças à atuação de diversas lideranças e voluntários, de forma respeitosa, nasceu o protocolo”. E aproveitou a ocasião para chamar a Rosângela Maria Nunes da FUNAI, Lilian Leticia Hangae, Chefe da APA de Cariruaçu/ICMbio e o professor Sandro Rogério Xucuru – ETNO/SOLTECNIDES, para falarem da elaboração do protocolo. Dada a palavra a Rosângela da FUNAI, a mesma salientou a luta em defesa dos povos da floresta há muitos anos. “Faz quarenta anos que estou na FUNAI. E desde início da minha militância, percebo a dificuldade do povo guarani em ter um território próprio. E vejo esse Protocolo como uma oportunidade de estabelecer-se regra. As pessoas entram nas aldeias para fazer pesquisa e não dão satisfação das suas pesquisas na Aldeia. O protocolo vai estabelecer limites e amadurecimento da comunidade. Seu Miguel e a juventude são nossos incentivadores. E partindo da comunidade nos incentiva ainda mais a lutar e acreditar, obrigado”, concluiu. Com a palavra Sandro Xucuru, disse que vem dialogando com o povo guarani a muito tempo. “Não é tão comum conviver com tantos conflitos e interesses, e tanta coisa acontecendo no país, como: a realização do Acampamento Terra Livre. Eu percebi que as Aldeias daqui de Paraty não participava da articulação nacional do movimento indígena. Foi então que comecei a chamar a atenção das lideranças locais para os acontecimentos que ocorre em Brasília, para que se fizessem representados nas reuniões. E no momento que eles começam a participar da (APA) aqui em Paraty, eles começaram a se organizar, participar formar uma nova consciência militante. Esse protocolo levou um tempo para assimilação, levou dois anos para a realização. Mas graças às instituições parceiras, o protocolo é uma realidade, pois, permite as aldeias não precisar de Juruá. E tendo os parentes aqui nesse lançamento que foi produto de muita escuta, muita luta nos engrandece”, concluiu sendo muito aplaudido. Com a palavra dada a Lilian Leticia Hangae, a mesma disse que estava emocionada em participar do Lançamento do Protocolo na Casa de Cultura em Paraty, pois para ela é motivo de orgulho: “Faz dezesseis anos que participo da luta dos povos indígenas e muitas vezes, eu não tinha o que dizer. Mas hoje as comunidades tradicionais têm o seu protocolo. Não basta fazer uma pequena reunião com algumas lideranças indígenas e dizer que houve consulta. A comunidade indígena tem que ser ouvida e respeitada com todos os integrantes das aldeias, mulheres, crianças e jovens. Esse documento é importante para dizer como a comunidade deve ser comunicada. A estrada que leva a aldeia tem que ser consultada, tem que tem um procedimento. E tem que haver reuniões de amadurecimento não uma coisa apressada. O nosso conselho fez um plano de manejo e as comunidades indígenas participaram ativamente. Agora não estamos passando por uma situação de grandes empreendimentos, mas temos que estar atento. O desafio agora é fazer valer um procedimento para que seja cumprido. Agora os guaranis vão poder falar e dizer, vai ser assim e pronto”, sintetizou sendo também muito aplaudida.

Considerações Finais

A Escolha do Tema: “Não Sou Índio Sou Guarani e a Luta Natural Contra o Estado” do povo guarani Mbya. É resultado da entrevista com o Pajé/Cacique (acende fogo) de nome (branco) Augustinho da Silva da Aldeia Araponga (99) que na ocasião da reunião descentralizadas do CEDIND, no Distrito de Patrimônio na Aldeia Araponga nos concedeu, e inspirou o tema. Outros estímulos vieram também após a participação do lançamento do Protocolo de Consulta Prévia Tekoa Itaxi Mirim, com a participação da

comunidade Guarani em Angra dos Reis/Paraty. O Protocolo de Consulta Taxi Mirim Mbay, estabeleceu por parte das autoridades. A consulta prévia a qualquer intervenção na Comunidade Guarani. Segundo os idealizadores, o Protocolo foi construído de modo participativo, democrático, inclusive com as observações do Pajé/Cacique Miguel Karai Tataxi (119) o mais antigo representante vivo guarani, (falecido em 21 aos 121 anos). Para buscar a contraposição ao modo de vida guarani, a luta por direitos e reconhecimento político e revolucionário. Nada melhor do que espelhar-se, consultando a comunidade para deliberar. E isso difere muito do reino de Juruá, que tem dificuldades de compartilhar o saber e o bem viver dos povos da floresta. Diferente o que pensa o branco: “Cacique não manda nada.” Para nós, esse olhar é distorcido não condiz com a contemporaneidade, a realidade facta do povo guarani. Ouvir antes a comunidade; compartilhar idéias e ideais em consenso é uma práxis dos guaranis. A maneira de pensar e agir de Juruá, não é a mesma da comuna guarani. Na aldeia o cacique não manda em nada sem o consenso do grupo. Em se tratando de poder de estado: (Clastres 1979), vai dizer em *A Sociedade Contra o Estado* (investigações de Antropologia Política), na convivência com os guaranis: “Que a sociedade indígena é naturalmente contra o estado”.

[...] “Se é verdade que ao longo de todos os tempos, desde que os homens existem, existiram também rebanhos humanos (confraria sexuais, comunidade, tribos, igrejas, estados) e sempre um grande número de homens obedecendo a um pequeno número de chefes; se, por conseguinte: a obediência e o que melhor e durante mais tempo foi exercido e cultivado entre os homens. Estamos no direito de presumir que, por princípio, cada um de nós possui a necessidade inata de obedecer, como uma espécie de consciência formal que ordena: Tu faras isto, sem discutir; tu abster-te-ás daquilo, sem discutir; resumindo é de um ‘tu farás’ que se trata”. (Clastres, pg.5, 1979).

A narrativa da luta dos Guaranis Mbay, apontam para uma luta permanente a busca da “Terra Sem Males” e no protagonismo do seus agentes; Condutores sujeitos da sua própria história. E essa construção não se limita a escrever para os indígenas e Juruá a visão da cosmologia guarani. Mas, explicar que a educação tradicional indígena é um fenômeno social em que os mais velhos transmitem seus conhecimentos às gerações mais novas pelos conhecimentos adquiridos pela ancestralidade. Esse conhecimento oral vão passando de pai para filho neto, bisneto e tataraneto, garantindo a sobrevivência de idioma próprio e saber guarani. Na casa de reza guarani, a comuna participa da cura do espírito com cânticos, danças; arte de lutar e viver em louvor a Nhanderú. Por meio do convívio comunitário; repartição de tarefas; plantio de sementes para colheita do alimento. Embora, a luta pelo reconhecimento da soberania do povo guarani continue até os dias atuais. O governo brasileiro continua com a sua política de desvalorização da identidade étnica guarani, com sua prática genocida e do etnocídio cultural. O discurso recorrente do governo é integrá-lo ao meio, desconsiderando a sua identidade enquanto nação guarani. E para sobreviver a essa intempérie, as agressões de Juruá, os guaranis buscam autonomia de suas terras, através do plantio, colheita e venda de seus produtos de artesanato, e a produção de seu próprio alimento. A criação do Protocolo de intenção Tekoa Itaxi Mirim, estabelece garantias mínimas, um pacto de respeito mútuo entre nações que devem ser respeitado por Juruá, quando menciona: “O povo guarani tem o direito de serem consultados toda vez que o governo for tomar medidas legislativas, que impactem a auto-gestão” ao seu meio ambiente”. Segundo Miguel Karai Benite: "O povo guarani respeita Juruá, mas o mesmo não ocorre com os Guaranis, porque Juruá não respeita nada". Pierre Castres vai dizer que esse modo de ser guarani, de respeito e interação com a natureza, faz o povo guarani: "Ser naturalmente contra o estado". E isso se deve por que o guarani, não

valoriza a individualidade do sujeito em ter tudo" a detrimento de todos. A preocupação de Juruá por lucros, sem a preocupação com o meio onde vive, não é a mesma na comunidade guarani. Segundo o cacique Augustinho: Juruá trouxe o álcool, drogas, o seu modo de ser a algumas comunidades guaranis. E segundo ele: "isso trouxe violência, morte e divisão dos guaranis". E para romper com a lógica de Juruá, foi proibido o uso de bebidas e outras drogas, em Araponga. Ao longo dos 521 anos de ocupação portuguesa nos territórios indígenas e quilombolas. A lógica de Juruá não mudou com o passar dos anos. O discurso de integração dos afro-ameríndios a realidade brasileira, continua presente no dias atuais. Vimos agora o presidente do Brasil Jair Bolsonaro, parafrasear o discurso "que somos todos brasileiros". Mas sabe-se que é só uma frase de efeito, para tomar os territórios ocupados ameríndios. Ontem como hoje, a falta de respeito aos negros, indígenas e ao meio ambiente continuam. Juruá não mede esforços para destruir tudo em favor do lucro de alguns. No Livro a Queda do Céu, nas palavras de um xamã yanomami. Davi Kopenawa nos fez perceber que o universo é muito mais do que um corpo celeste perdido no espaço. Aliás, Kopenawa nos faz compreender que na floresta tudo tem vida e que devemos respeitar a floresta. No Livro escrito por Bruce Albert para Juruá: o personagem "Xapiri", o encantado da floresta mandou dizer que o "Céu Vai Cair Sobre Nossas Cabeças". Em pleno século XXI, temos assistido por parte do representante da nação brasileira: "Que índio não serve para nada e tem muito terra". O discurso ódio; a grilagem de terras indígenas e a destruição da natureza continuam. Além, da transmissão de doenças e epidemias as comunidades indígenas. Chegou a ora da juventude indígena, os quilombolas ocupar os espaços que são seu de direito. E isso começa na ocupação nos bancos escolares nas universidades públicas. Em momento que se fala em livre comercio entre a Europa e MERCOSUL. Devemos dizer aos organismos internacionais como a ONU e OIT, que os produtos vendidos pelo agronegócio aos estrangeiros e aos brasileiros, são de áreas desmatas em territórios indígenas e quilombolas. Contudo: não pretendemos esgotar este trabalho com esse resumo, pois ainda teremos muitas visitas às comunidades para dirimir e ajudar na solução dos problemas ambientais, sociais, políticos e econômicos. Uma das questões que devemos reivindicar tanto, por parte dos indígenas no Contexto Urbano e Aldeamentos, são: Que o CEDIND, seja um órgão Deliberativo sobre território e questões indígenas no Estado do Rio de Janeiro; Que antigo "Museu do Índio" ainda em ocupação, tenha como destino: Um Centro de Referência Indígena/Universidade Indígena, nem que seja debaixo da arvore; Que as escolas indígenas, privilegiem o idioma de suas etnias, sem o prejuízo de conhecer o idioma de Juruá; Que o protocolo de Consulta Prévia Tekoa Itaxi Mirim, onde estabelece o método de consulta a comunidade, seja respeitado; Que seja um instrumento a ser apoiada e implantada em outras aldeias; Que a SEEDUC, desburocratize a metodologia escolar, contratando professores indígenas nas escolas de extensão, privilegiando o saber indígenas; ratifique o pleito de eleger os diretores de escolas indígenas. Devemos ter a humildade de ouvir o saber guarani, pois como disse o Pajé/Cacique Miguel Karai Tataxi: "Nos respeitamos Juruá. Jamais vamos entrar em terra de Juruá sem pedir licença em sua terra, pois respeitamos Juruá". Finalizando: O lugar da fala indígena, ameríndio na sociedade contemporânea, faz com que nós militantes indígenas, busquemos o resgate das nossa línguas; oralidade; educação e/ou cosmologia em contraposição a Juruá. Muito temos que aprender com as nações indígenas, principalmente com a preservação da natureza e respeito a fauna e os animais. Pois, na natureza tudo tem vida, tem um sentido. Chegou a ora da juventude indígena ocupar os espaços que são de direito nas universidades públicas, serviço publico, imprensa, e/ou construído, contrapondo, reafirmando o saber dos ancestrais, contra o etnocídio branco. Alguns acadêmicos indígenas vai dizer: "A arma do índio está em escrever na cascara da

árvore para o branco”. Mas, penso? não precisa, pois, basta ver nas pinturas rupestres, corporais, sua maneira não depredatória e indentitárias na defesa da natureza.

Referências Bibliográficas

O Segredo dos Guaranis que ainda habitam o Rio; Emanuel Alencar e Ludmilla de Lima - <https://oglobo.globo.com/rio/o-segredo-dos-guaranis-que-ainda-habitam-rio-12596252>

Vídeo no youtube: Aldeia Mata Verde Bonita

https://www.youtube.com/watch?v=G_3axjlPaI

Vídeo no youtube: Cacique Augustino – Araponga- Rj 31/05/19

<https://www.youtube.com/watch?v=F-KkV0rnM-k&t=2683s>

Vídeo no youtube: Educação Guarani – Aldeia Araponga- Paraty Rj

<https://www.youtube.com/watch?v=pSgztiEBI7E>

Site: Aula.org.br: IPA THEÃ ONI: Fecha para a sociedade Não Indígena – Reinaldo Cunha -<https://www.aula.org.br/Editorias2019/Jornal-AULA/Jornal-2019-006.htm>

Site: Aula.org.br: A Ética da Filosofia Kemética em Maat, e Intercessão da Cosmologia Indígena de Xapiri na Aldeia Maracanã. Reinaldo Cunha <https://www.aula.org.br/Editorias2019/Jornal-AULA/Jornal-2019-002-1.htm>

Em Maricá (RJ), Tribo usa idioma guarani para fortalecer cultura indígena <https://nacoesunidas.org/em-marica-rj-tribo-usa-idioma-guarani-para-fortalecer-cultura-indigena/>

Incêndio criminoso quase destrói aldeia indígena na Restinga de Maricá, Vídeo <https://leisecamarica.com.br/incendio-criminoso-quase-destroi-aldeia-indigena-na-restinga-de-marica-video/>

Protocolo de Consulta Prévia TekoaItaxi Mirim - <https://rca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/protocolo-guarani-versa%CC%83o-Web.pdf>

FUNAI estuda demarcação de duas aldeias indígenas no Rio. <https://terrasindigenas.org.br/en/noticia/83143>

Autora: Ludmila Moreira Lima/Representante da ABA no CEDIND-RJ Assunto: REUNIÃO CEDIND/29 de março de 2019.

http://www.aba.abant.org.br/files/20190507_5cd16e8966eee.pdf

Sem professores, escola indígena de Paraty ainda não começou o ano letivo <https://extra.globo.com/noticias/educacao/sem-professores-escola-indigena-de-paraty-ainda-nao-comecou-ano-letivo-17353593.html>

(Clastres, Pierre, A Sociedade Contra o Estado, 1979)

https://www.ufrgs.br/ppgas/portal/arquivos/CLASTRES_Pierre_1988.pdf